

## 02

**“A PANTERA” (1894), DE RACHILDE**

Daniel Augusto P. Silva  
Isabelle Godinho Weber

**Daniel Augusto P. Silva**

Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2023).

Professor Adjunto de Língua e Literatura Francesa do Instituto de Letras da UERJ.

Integrante do Grupo de Pesquisa Arte, Realidade e Sociedade (CNPq/Fundação Biblioteca Nacional), do Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico (CNPq) e do Grupo de Pesquisa Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica (CNPq).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7607360386428536>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1804-0508>.

E-mail: [daniel.augustopsilva@gmail.com](mailto:daniel.augustopsilva@gmail.com).

**Isabelle Godinho Weber**

Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2020).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2279074524576923>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3815-3104>.

E-mail: [isabellegweber@gmail.com](mailto:isabellegweber@gmail.com).

## APRESENTAÇÃO

A literatura decadente enfrenta um desafio para sua difusão entre leitores: muitas vezes, é difícil ter acesso a edições recentes de suas obras. Grande parte do *corpus* finissecular ainda não está presente em livrarias e bibliotecas contemporâneas, mesmo na França. Por não terem sido integrados ao cânone e às histórias literárias nacionais, normalmente refratárias aos temas e estilos da decadência, muitos dos autores caíram no esquecimento. Como explica Marie-Claire Bancquart (2010, p. 7-8, tradução nossa), pesquisadora que também se dedicou a publicar tais textos, “é preciso reconhecer, aliás, que, atualmente, a leitura na íntegra de algumas obras desse tempo impõe reais dificuldades”. Quando consideramos as traduções para o português, o problema se torna ainda maior, pois são poucas e, muitas vezes, amadoras ou pouco sistemáticas as empreitadas tradutórias dedicadas a esse acervo. Sem o engajamento de editores e tradutores, ficamos privados de toda uma parte de nosso patrimônio artístico, de todo um conjunto de livros inebriantes.

Para conhecer a diversidade da literatura *fin-de-siècle* francesa, é preciso ler a longeva obra de Rachilde, pseudônimo de Marguerite Eymery (1860-1953), cujos textos entraram em domínio público neste ano de 2024 — uma boa notícia para os profissionais do livro. *Monsieur Vénus* (1884), seu romance mais comentado nos estudos literários, foi lançado no Brasil há poucos meses pela editora Ercolano, em tradução de Flávia Lago (RACHILDE, 2024). Outras narrativas da autora, também marcadas pela exploração do sadismo, da androginia e do tema da decadência, aguardam tradutores.<sup>1</sup> É digna de atenção,

1 Em 1987, o romance *La Tour d'amour* (1899) foi publicado pela editora portuguesa Estampa, com tradução de Aníbal Fernandes (cf. RACHILDE, 1987). Mais recentemente, em 2018, o texto foi retomado pela editora Sistema Solar (RACHILDE,

ainda, a sua obra crítica na imprensa, especialmente na revista *Mercure de France*, na qual atuou como importante observadora dos grupos literários e dos debates estéticos do período (LÓPEZ, 2016).

Contribuindo para um maior número de narrativas da autora traduzidas em nosso idioma, apresentamos o conto “A Pantera”, publicado, em 1894, no volume *Le Démon de l'absurde*, após ter sido apresentado, no ano anterior, também no *Mercure de France* (RACHILDE, 1893)<sup>2</sup>. Ao comentar o livro, o poeta e crítico Pierre Quillard (1893, p. 328-329, tradução nossa) afirmou que “algumas páginas me atraem sobretudo e me retêm, ‘La Panthère’ e ‘Les Vendanges de Sodome’, pela obscura fascinação do sangue, o poderoso horror das paisagens e mais, talvez, pela bela sonoridade das palavras e do ritmo”.

Na trama, o leitor é transportado para a atmosfera dos circos romanos, onde animais ferozes eram lançados nas arenas para matar prisioneiros e entreter um público ávido por violência e fortes emoções. Para refletir sobre a crueldade humana e os terrores desses espetáculos, Rachilde adota a focalização de uma pantera, obrigada a enfrentar um cristão, também perseguido. Não por acaso, a decadência do Império Romano, retratado como corrupto e devasso, foi um dos temas de predileção da literatura finissecular, que não se via tão distante desse momento histórico (PALACIO, 1994).

A tradução aqui proposta teve sua versão inicial apresentada durante os encontros do grupo de extensão “Ler e traduzir a França *fin-de-siècle*”, registrado na Universidade do Estado do Rio

---

2018). Dois anos depois, a mesma empresa e o mesmo tradutor lançaram *Notre-Dame des Rats* (1931) (RACHILDE, 2020).

2 Outro conto deste volume, “La Dent”, foi publicado, em 2021, pela *Mallamargens, Revista de Poesia e Arte Contemporânea*, em tradução de Ana Resende (RACHILDE, 2021).

de Janeiro (UERJ), sob coordenação do Prof. Dr. Daniel Augusto Pereira Silva. Em duas oficinas de leitura e tradução, ocorridas, remotamente, em junho de 2024, tivemos a oportunidade de debater o conto de Rachilde e comentar passagens desafiadoras tanto para a compreensão em língua estrangeira quanto para a atividade tradutória. Naquela ocasião, propusemos aos participantes nossas primeiras traduções do texto, preparadas individualmente, e indicamos algumas de nossas incertezas ao transpor a narrativa para o português. Graças ao retorno desses leitores,<sup>3</sup> pudemos refinar nossas escolhas discursivas e refletir mais profundamente sobre os sentidos da obra.

Após esse momento, decidimos comparar nossas traduções para chegarmos a uma versão unificada, composta pelas melhores soluções que encontramos, e unificamos nossas estratégias discursivas. Para essa etapa do trabalho, outra iniciativa gestada na UERJ foi importante: o Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Salgueiro, cuja equipe integramos. Além dos serviços prestados à comunidade interna e externa, o projeto propicia a reflexão crítica sobre tradução e a sua prática formativa. Nesse contexto, dispusemos de um precioso ambiente para repensar e revisar o texto em português.

Em nossa tradução, mantivemos a estrutura sintática e a disposição textual do conto em francês, composto por diversos hipérbatos, apostos e longos parágrafos. Também preservamos

---

3 Agradecemos a todos os participantes dos dois encontros do grupo de extensão dedicados ao conto de Rachilde: Amanda Marinho, Ana Carolina da Natividade, Cauã Zygielszyper, Edivanaldo da Silva, Emannuely Duarte, Fernanda Garcia, Fernando Fernandes, Gustavo Pereira Junior, Jorge de Lima, Júlia Ramos, Karen Kawana, Laura Campos, Livia Coutinho, Nicole Coelho, Pedro Paulo Mesquita, Rose dos Santos, Sabrina Barreto, Solange de Carvalho, Tatiana Alves, Teresa Barros e Yuri Nascimento.

os vários *participes présents* e *gérondifs* utilizados por Rachilde, que, em muitos casos, se sobrepõem, num acúmulo informacional importante. Além de serem característicos da literatura francesa finissecular, afeita a certo hermetismo, tais opções estilísticas acabam por reforçar a atmosfera de aprisionamento em que se encontra a protagonista. Por outro lado, os grandes blocos de texto permitem demarcar com mais clareza as diferentes etapas da trama e as ações de cada personagem. Além disso, as inversões permitem à autora destacar diferentes elementos da frase, que poderiam não ganhar relevo na ordenação sintática direta.

Consideramos com atenção o vocabulário, por vezes específico, dos espetáculos do circo romano. Ao longo do texto, Rachilde se vale do termo *belluaire* para descrever um tipo de gladiador — aquele se dedicava ao combate contra animais ferozes. Após as oficinas do grupo de extensão, resolvemos guardar a especificidade também em nossa tradução, empregando a menção a “beluário”, em vez de simplesmente “gladiador”. Também nos deparamos com a expressão “*coup de pique au cœur*”, quando a narração descreve um dos tipos de morte encarados como dignos na arena — um ato de violência comum, por exemplo, nas touradas. Em nossa tradução, valemo-nos de uma fórmula mais explicativa, “lança dos picadores no coração”, que, embora guarde a referência ao *picador*, evidencia a arma empunhada e torna a imagem menos opaca a leitores brasileiros.

Alguns dos movimentos da pantera também suscitaram questionamentos durante a tradução. Na parte inicial do texto, diz-se que ela, diante do possível inimigo, “*eut le geste de jouer de la patte, un geste signifiant: ‘Je suis satisfaite!...’*”. Como a protagonista também é comparada a uma gata no conto, buscamos inspiração no

comportamento dos felinos de menor porte para traduzir “jouer de la patte” com maior adequação ao contexto da cena. Em português, indicamos “o gesto de esfregar a pata no chão” — certamente mais descritivo que o original, mas, em todo caso, explicado pela sequência do período, no qual se informa o sentido daquela atitude.

Optamos por incluir uma única nota de rodapé à tradução, com informações sobre o homenageado na dedicatória do conto, pois desejávamos permitir ao leitor uma experiência de leitura com menos interrupções, como na publicação original. Trouxemos para esta breve apresentação alguns dos comentários de tradução que teríamos indicado em eventuais notas. Ao final da narrativa em português, os interessados podem compará-la ao texto original, tal qual publicado em *Le Démon de l'absurde*.

Acreditamos que o conto possa repercutir positivamente também em nossa contemporaneidade. Nossa época tem visto crescer os debates sobre os direitos dos animais e a denúncia contra maus-tratos. Embora tenhamos um longo caminho a percorrer para uma relação menos perversa com a natureza e os outros seres, a sensibilidade do século XXI parece mais afeita a esse tipo de reflexão. De toda forma, o mal é sempre um tema de atualidade e segue assombrando nossos livros. Finalmente, o mundo literário tem constatado um crescente interesse — editorial e de público — pela literatura produzida por mulheres. Acostumada a desafiar tanto normas de gênero quanto expectativas feministas, Rachilde encontra-se numa posição original e bastante instigante. Por todos esses motivos, desejamos ter contribuído para a difusão da obra da escritora no Brasil e a expansão do *corpus* finissecular em língua portuguesa.

## A PANTERA

Rachilde  
*a Laurent Tailhade*<sup>4</sup>

Dos subterrâneos do circo subiu lentamente a jaula, carregando consigo algo como uma espessa camada de noite, e, quando se abriram as grades às resplandecentes claridades dos céus, a fera, encontrando subitamente sob seus passos o manto de ouro, manchado de púrpura, da areia das arenas, exaltou-se na luz e acreditou ser deusa. Jovem, vestida do luto régio das panteras negras, trazendo, ao longo de seus membros embainhados tão exatamente, alguns enormes topázios espalhados, dardejava o olhar puro e fixo daquelas que ainda não contemplaram, à beira dos grandes rios desertos, senão sua imagem de sinistra virgem. Suas patas de gata, poderosas e de aparência pueril, pareciam se mover sobre plumas. Com três saltos ligeiros alcançou o meio do circo. Ali, sentando-se, com um movimento grave e onduloso, qualquer outro afazer lhe parecendo de menor importância, inclusive o exame da tribuna imperial, ela lambeu o próprio sexo.

Perto dela, cristãos esquartejados pendiam de altas cruzes vermelhas de sangue. Um elefante morto obstruía com sua massa cinza, colossal muralha desabada, todo um canto do céu extraordinariamente azul. Ao longe agitavam-se, nas circulares arquibancadas sobrepostas, um vapor de formas pálidas de onde vinham clamores estranhos, e a fera, tendo terminado sua íntima toalete, procurou por um momento, com o focinho no chão, a

---

4 Laurent Tailhade (1854-1919), poeta francês, também conhecido por seu engajamento na causa anarquista, participou, como Rachilde, de grupos literários boêmios no final do século XIX.

razão desses gritos de fúria, inexplicáveis para ela, cujos modos frios e metódicos admitiam somente a utilidade do homicídio, sem ainda lhe compreender as diferentes histerias. De lá lhe chegavam o estrondo surdo de uma onda varrida pelo vento, prantos de galhos crepitando sob os raios. Ela soltou um miado zombeteiro que desafiava as tempestades, e, sem se apressar demais, tomada pelo capricho inconcebível de lhes mostrar a doçura dos verdadeiros animais ferozes, pôs-se diante da saborosa massa do elefante, desdenhando das presas humanas. Bebeu à vontade o licor fumegante jorrando do monstruoso cadáver, talhou para si um amplo pedaço de carne, e depois, o festim concluído, parada sobre os restos de sua refeição, lustrou sua pata esquerda com solicitude. Dois dias antes de sua soltura, semearam, na obscuridade de sua prisão, carnes indignas, temperadas de cominho, salpicadas de açafrão, para sobre-excitar o fogo devorante de suas entranhas; mas a hábil farejadora se absterivera, tendo conhecido mais longos jejuns e mais perigosas tentações. Nada ignorante, apesar de virgem, ela já conhecia as sedes dos meios-dias escaldantes de sua terra, onde os pássaros choram tristes melopeias suspirando após a chuva; conhecia as plantas venenosas das grandes florestas inextricáveis onde tentavam fasciná-la répteis de língua bifurcada destilando veneno; conhecia a grossura extrema de certos sóis e a magreza muito ridícula de certas vítimas, as esperas ansiosas sob o olhar maligno da lua que vos lança perfidamente à perseguição da sombra de uma caça sempre cada vez mais fugaz! Dessas caçadas malogradas, guardara um instinto de guerreiro pobre e não pedia senão uma parte modesta para não enfrentar vertigens nesse outro mundo bendito onde os carneiros, agora irmãos do homem,

pareciam convivas de festins solenes. Ela escolhia seu pedaço sem fanfarrice, desejosa de se revelar bem-educada na presença de apetites menos naturais que os seus.

Um cristão nu e derrisoriamente armado de um chicote com bola de ferro surgiu sobre a garupa do elefante, empurrado por carrascos que não eram vistos. Ele escorregou no sangue coagulado, rolou com a testa para frente. Vaias puseram-no de pé. Retomou seu chicote, e um sorriso crispou seus lábios pálidos. Não queria utilizá-lo, mesmo contra a fera que iria cortar sua garganta. Sentou-se, suas pupilas claras fixadas sobre a inimiga. Essa teve o gesto de esfregar a pata no chão, um gesto significando: “Estou satisfeita!...”. E alongou-se, os olhos entreabertos, agitando o rabo com perplexidade. Tranquilo duelo de olhares curiosos, o cristão procurando, apesar do abandono voluntário de seu ser, o segredo dos domadores de animais ferozes, o poder supremo da vontade pura sobre a besta, e a fera livre se esforçando em desvendar o tipo de poder dessa espécie quando ela está nua.

Um clamor formidável despertou-os de seus singulares devaneios. Estavam agora no centro da festa sangrenta, e ninguém, realmente, compreendia essa maneira de se divertir. Uma súbita cólera invadia todos os espectadores. Chamaram os beluários, cavalos galoparam em direção ao elefante, cuja pesada massa foi arrastada, e colocados de pé, face a face, os dois adversários continuaram a se vigiar. O cristão recusava a luta, a pantera não sentia a coragem de escapar, não tendo mais fome. Um dos beluários se precipitou, ameaçando-os com sua espada. Com um salto gracioso o animal evitou o choque, e o cristão conservou seu sorriso melancólico. Então, bramidos retumbaram por todos os lados.

O estrondo daquela tempestade eclodiu, assustadora. Os gladiadores investiram contra a fera, que se declarava caprichosamente a favor do mais fraco. Colocaram as lanças sobre os braseiros, trouxeram os dardos revestidos de piche e de plumas chamejantes, chamaram os cães adestrados para cortar os jarretes dos touros, encheram os vasos de óleo fervente. Todos os ódios se voltaram num momento para o lado onde a jovem louca, batendo-se nos flancos com seu rabo indeciso, perguntava-se o que significavam esses preparativos de guerra. Os beluários não lhe deram tempo de voltar à razão. Uniram-se contra ela, dando início a corridas desordenadas na pista soterrada de moribundos. A pantera fugia, tomada por um terror supersticioso. Isso era o fim do mundo! Em desordem, perseguida e perseguidores tropeçavam nos corpos de homens e de animais sob a imensa risada do povo, que essa bufonaria nova acabava por divertir. De todos os lugares, jogavam na fera transtornada pedras, frutas, armas. Mulheres patrícias lançaram joias que zuniram terrivelmente atravessando o espaço, e o próprio imperador, de pé, lapidou-a com moedas de prata. Com um último salto desesperado, a pantera, cega de raiva, eriçada de flechas, rodeada de chamas, refugiou-se em sua jaula ainda aberta. Fecharam a grade, e a armadilha obscura desceu novamente aos subterrâneos.

Dias e noites se passaram, atrozes. Soltava de tempos em tempos um miado lúgubre, um chamado ao sol que ela não devia mais rever. Agora, lenda do circo, faziam-na sofrer todos os suplícios. Covarde, diziam-lhe, recusara o combate, e não podia mais pretender à posição de animal nobre. O guarda das feras aprisionadas, um escravo muito velho, sem piedade por sua boca alargada pela lâmina de uma espada que tinha mordido, dava-lhe

somente os rebotalhos das jaulas vizinhas, ossos já roídos, coisas podres, infectas, que empilhavam em sua prisão como numa cloaca. Sua pelagem, suja de imundices, cobria-se de chagas; garotos, para zombarem dela, tinham-lhe pregado o rabo no chão, até que ela, num esforço doloroso, arrancou-o do prego, ali deixando parte de sua pele. O velho escravo divertia-se em provocá-la, oferecendo-lhe uma mão, enquanto com a outra a cegava com um punhado de enxofre. Queimou-lhe completamente uma das orelhas no fogo crepitante de uma tocha. Privada de ar, de luz, a boca ainda cheia de uma baba sanguinolenta, ela urrava lamentavelmente, procurando uma saída, batendo nas grades com seu crânio, rasgando o solo com suas unhas, e no fundo de suas entranhas nascia um mal misterioso. Como grunhia de forma tão sinistra, deram a ordem de deixá-la morrer de fome completamente. As mortes dignas — o estrangulamento ou a lança dos picadores no coração — não eram mais para ela. Esqueceram-na e, simplesmente, o velho guarda parou de passar diante dela com sua tocha. A fera compreendeu. Calou-se, deitou-se numa última atitude orgulhosa e, enrolando-se em seu rabo ferido, cruzando suas patas gangrenadas, fechando seus olhos de fogo, sonhou esperando sua agonia. Oh! as florestas que crepitam sob a tempestade! os sóis enormes, as luas cor de rosa, os pássaros lamentando a chuva, as vegetações, as fontes frescas, as jovens presas fáceis cuja vida pode-se beber de um só gole, os grandes rios estendendo seus espelhos onde as feras inclinadas têm auréolas de estrelas... Pouco a pouco, o cérebro da pantera expirante se deslumbrava com visões antigas. Oh! a felicidade, tão longe, a liberdade! um movimento de desespero louco lhe fez lembrar de seu destino: reviu também o campo de

ouro, manchado de púrpura, da areia das arenas, a massa cinza do elefante eviscerado, o sorriso duro do cristão, e enfim os gritos furiosos dos beluários, os suplícios, todos os suplícios! com o focinho repousado sobre suas duas patas fatalmente cruzadas, ela parecia dormir... talvez já estivesse morta. De repente, a obscuridade de sua prisão se dissipou. Uma escotilha acabava de deslizar lá em cima, e, descendo do céu para este inferno onde apodrecia a fera danada, uma forma branca, esbelta, uma mulher apareceu. Trazia num pedaço levantado de sua túnica um quarto de carne de cabrito, e sobre o ombro seu braço direito sustentava um vaso cheio. A pantera se ergueu. Esta criatura toda branca era a filha do velho guarda das feras:

— Fera — disse ela, enquanto atrás de si turbilhonavam claridades loiras como seus cabelos —, tenho compaixão por ti. Não morrerás.

Desatando uma corrente, ela empurrou a grade, deixou cair o quarto de cabrito sobre o limiar da jaula, depositou cuidadosamente o vaso cheio com gestos calmos.

Então, a pantera encolheu-se sobre seu próprio corpo, felizmente ainda flexível, fez-se bem pequena para não assustar a criança, observou-a por um instante com seus dois olhos fosforescentes, agora profundos como abismos, com um impulso lhe saltou à garganta e a estrangulou...

**LA PANTHÈRE**

Rachilde  
à *Laurent Tailhade*

Des souterrains du cirque monta lentement la cage, entraînant avec elle comme un épais morceau de nuit, et, quand s'en ouvrirent les grilles aux resplendissantes clartés des cieux, la bête, trouvant subitement sous ses pas le manteau d'or, taché de pourpre, du sable des arènes, s'exalta dans la lumière et se crut déesse. Jeune, vêtue du deuil royal des panthères noires, portant, le long de ses membres engainés si exactement, quelques énormes topazes disséminées, elle dardait l'œil pur et fixe de celles qui n'ont encore contemplé, au bord des grands fleuves déserts, que leur image de sinistre vierge. Ses pattes de chatte, puissantes et d'apparence puérile, semblaient se mouvoir sur des flocons de duvet. En trois bonds légers elle atteignit le milieu du cirque. Là, s'asseyant, d'un mouvement grave et onduleux, toute autre affaire lui paraissant de moindre importance, y compris l'examen de la loge impériale, elle se lécha le sexe.

Près d'elle, des chrétiens écartelés pendaient à de hautes croix rouges de sang. Un éléphant mort barrait de sa masse grise, colossale muraille écroulée, tout un coin du ciel extraordinairement bleu. Aux lointains s'agitaient, en des cercles de gradins s'étaguant, une buée de formes pâles d'où venaient des clameurs étranges, et la bête, ayant terminé son intime toilette, chercha un moment, le mufler à terre, la raison de ces cris de fureur, inexplicables pour elle dont les mœurs froides et méthodiques n'admettaient que l'utilité du meurtre sans en comprendre encore les différentes hystéries.

De là-bas lui arrivaient le grondement sourd d'un flot battu par le vent, des plaintes de branches craquant sous la foudre. Elle eut un miaulement railleur qui défiait les orages, et, sans trop se presser, prise du caprice inconcevable de leur montrer la douceur des véritables bêtes féroces, elle fut s'attabler devant la savoureuse masse de l'éléphant, dédaignant les proies humaines. Elle but à loisir la liqueur fumante ruisselant du monstrueux cadavre, se tailla un ample lambeau de chair, puis, le festin achevé, campée sur les restes de son repas, elle lustra sa patte gauche avec sollicitude. Deux jours avant sa délivrance, on avait semé, en l'obscurité de sa prison, des viandes indignes assaisonnées de cumin, saupoudrées de safran, pour surexciter le feu dévorant de ses entrailles ; mais l'habile flaireuse s'était abstenue, ayant connu de plus longs jeûnes et de plus dangereuses tentations. Point ignorante, quoique vierge, elle savait déjà les soifs des midis brûlants de son pays, où les oiseaux pleurent de tristes mélopées en soupirant après la pluie ; elle savait les plantes vénéneuses des grandes forêts inextricables où essayaient de la fasciner des reptiles à langue fourchue distillant le poison ; elle savait la grosseur extrême de certains soleils, et la maigreur très ridicule de certaines victimes, les attentes anxieuses sous l'œil mauvais de la lune qui vous lance perfidement à la poursuite d'une ombre de gibier toujours de plus en plus fuyante ! De ces chasses malheureuses, elle avait gardé un instinct de guerrier pauvre, et ne demandait qu'une part modeste pour ne pas éprouver de vertiges en cet autre monde béni où les carnassiers, devenus les frères de l'homme, semblaient conviés à des festins solennels. Elle choisissait son morceau sans forfanterie, désireuse de se révéler bien élevée en présence d'appétits moins naturels que les siens.

Un chrétien nu et dérisoirement armé d'un fouet à boule de fer surgit au-dessus de la croupe de l'éléphant, poussé par des bourreaux qu'on ne voyait pas. Il glissa dans le sang caillé, roula le front en avant. Des huées le relevèrent. Il reprit son fouet, et un sourire crispa ses lèvres blêmes. Il ne voulait pas s'en servir, même contre la bête qui l'allait égorger. Il s'assit, ses prunelles claires fixées sur l'ennemie. Celle-ci eut le geste de jouer de la patte, un geste signifiant : « Je suis satisfaite !... » Et elle s'allongea, les yeux mi-clos, agitant la queue avec perplexité. Tranquille duel de regards curieux, le chrétien cherchant, malgré l'abandon voulu de son être, le secret des dompteurs de fauves, le pouvoir suprême de la seule volonté sur la brute, et la bête libre s'efforçant de démêler le genre de puissance de cette espèce quand elle est nue.

Une clameur formidable les éveilla de leur singulière songerie. Ils étaient maintenant le centre de la fête sanglante, et personne, vraiment, ne comprenait cette manière de s'amuser. Une soudaine colère envahissait tous les spectateurs. On appela des belluaires, des chevaux galopèrent vers l'éléphant dont on entraîna la lourde masse, et mis debout, face à face, les deux adversaires continuèrent à se surveiller. Le chrétien refusait la lutte, la panthère ne se sentait pas le courage d'écharper, n'ayant plus faim. L'un des belluaires se précipita, les menaçant de son épée. D'un bond gracieux l'animal évita le choc, et le chrétien conserva son sourire mélancolique. Alors des hurlements retentirent de tous les côtés. L'orage éclata, épouvantable. Les belluaires se ruèrent contre la bête, qui se déclarait capricieusement pour le plus faible. On alla poser les lances sur les brasiers, on apporta les dards enduits de poix et de plumes enflammées, on appela les chiens dressés à couper les

jarrets des taureaux, on emplît des vases d'huile bouillante. Toutes les haines se tournèrent en un moment du côté où la jeune folle, se battant les flancs de sa queue indécise, se demandait ce que signifiaient ces préparatifs de guerre. Les belluaires ne lui laissèrent pas le temps de revenir à la raison. Ils fondirent sur elle, et ce furent des courses désordonnées dans la piste encombrée de mourants. La panthère fuyait, prise d'une terreur superstitieuse. Cela, c'était la fin du monde ! Pêle-mêle, poursuivie et poursuivants culbutaient les corps d'hommes et d'animaux sous l'immense risée du peuple, que cette bouffonnerie nouvelle finissait par détendre. De toutes les places, on jetait à la bête éperdue des pierres, des fruits, des armes. Des patriciennes lancèrent des bijoux qui sifflèrent terriblement en traversant l'espace, et l'empereur, debout, la lapida lui-même avec des monnaies d'argent. D'un dernier bond désespéré, la panthère, ivre de rage, hérissée de flèches, entourée de flammes, se réfugia dans sa cage demeurée ouverte. On referma la grille, et le piège obscur redescendit aux souterrains.

Des jours, des nuits coulèrent, atroces. Elle avait de temps en temps un miaulement lugubre, un appel au soleil qu'elle ne devait plus revoir. Devenue la légende du cirque, on lui faisait subir tous les supplices. Lâche, disait-on, elle avait refusé le combat, et ne pouvait plus prétendre au rang d'animal noble. Le gardien des fauves prisonniers, un esclave très vieux, sans pitié pour sa gueule élargie par la lame d'une épée qu'elle avait mordue, ne lui donnait que les rebuts des cages voisines, des os déjà rongés, des choses pourries, infectes, qu'on entassait chez elle comme en un cloaque. Sa fourrure, souillée d'immondices, se couvrait de plaies ; des jeunes garçons, pour se moquer, lui avaient cloué la queue au sol

jusqu'à ce qu'elle l'eût, d'un effort douloureux, arrachée du clou en y laissant de sa peau. Le vieil esclave s'amusait à la braver, lui offrant une main pendant que de l'autre il l'aveuglait d'une poignée de soufre. Il lui brûla complètement une oreille au feu crépitant d'une torche. Privée d'air, de lumière, la gueule toujours emplie d'une bave sanguinolente, elle hurlait lamentablement, cherchant une issue, battant ses barreaux de son crâne, déchirant le sol de ses ongles, et au fond de ses entrailles naissait un mal mystérieux. Parce qu'elle grondait d'une façon trop sinistre, l'ordre vint de la laisser crever de faim tout à fait. Les morts dignes : l'étranglement ou le coup de pique au cœur, n'étaient plus pour elle. On l'oublia et, simplement, le vieux gardien cessa de passer devant elle avec sa torche. La bête comprit. Elle se tut, se coucha dans une dernière attitude orgueilleuse, et, ramenant autour d'elle sa queue meurtrie, croisant ses pattes gangrenées, fermant ses yeux de feu, elle rêva en attendant son agonie. Oh ! les forêts qui craquent sous l'orage ! les soleils énormes, les lunes couleur de roses, les oiseaux pleurant la pluie, les verdure, les sources fraîches, les jeunes proies faciles dont on peut boire la vie d'une seule aspiration, les grands fleuves étalant leur miroir où les fauves penchés ont des auréoles d'étoiles... Peu à peu, le cerveau de la panthère expirante s'éblouissait des visions anciennes. Oh ! le bonheur, très loin, la liberté ! Un mouvement de désespoir fou lui rappela son sort : elle revit aussi le champ d'or, taché de pourpre, du sable des arènes, la masse grise de l'éléphant éventré, le sourire dur du chrétien, et enfin les cris furieux des belluaires, les supplices, tous les supplices ! Le mufle posé sur ses deux pattes fatalement croisées, elle semblait dormir... peut-être était-elle déjà morte. Tout à coup, l'obscurité de sa prison se dissipa.

Une trappe venait de glisser là-haut, et, descendant du ciel dans cet enfer où croupissait la bête damnée, une forme blanche, svelte, une femme apparut. Elle portait en un pan relevé de sa tunique un quartier de chevreau, et sur son épaule son bras droit soutenait un vase plein. La panthère se dressa. C'était, cette créature toute blanche, la fille du vieux gardien des fauves :

« Bête, dit-elle, tandis que derrière elle tourbillonnaient des clartés blondes comme sa chevelure, j'ai compassion de toi. Tu ne mourras point. »

Détachant une chaîne, elle poussa la grille, fit tomber le quartier de chevreau sur le seuil de la cage, déposa doucement le vase plein avec des gestes calmes.

Alors, la panthère se ramassa sur ses reins, heureusement demeurés souples, se fit toute petite pour ne pas effrayer l'enfant, la guetta un instant de ses deux yeux phosphorescents, devenus profonds comme des gouffres, d'un bond lui sauta à la gorge et l'étrangla...

## REFERÊNCIAS

BANCQUART, Marie-Claire. Préface. In: BANCQUART, Marie-Claire. *Écrivains fin-de-siècle*. Paris: Gallimard, p. 7-29., 2010.

LÓPEZ, Camila Soares. “Les Romans”: a crítica de Rachilde no *Mercure de France* (1896-1898). *Non Plus*. São Paulo: USP, n. 8, p. 20-37, 2016.

PALACIO, Jean de. Préface. In: RICHEPIN, Jean. *Contes de la décadence romaine*. Paris: Nouvelles Éditions Séguier, p. 7-37, 1994.

QUILLARD, Pierre. Rachilde. *Mercure de France*. Paris, Tomo IX, n. 48, p. 323-29, dez., 1893.

RACHILDE. La Panthère. *Mercure de France*. Paris, Tomo IX, n. 46, p. 103-108, out., 1893.

RACHILDE. La Panthère. In: RACHILDE. *Le Démon de l'absurde*. Paris: Mercure de France, p. 159-169, 1894.

RACHILDE (1899). *O Farol de Amor*. Tradução de Aníbal Machado. Lisboa: Estampa, 1987.

RACHILDE (1899). *O Farol de Amor*. Tradução de Aníbal Machado. Lisboa: Sistema Solar, 2018.

RACHILDE (1931). *Nossa Senhora dos Ratos*. Tradução de Aníbal Machado. Lisboa: Sistema Solar, 2020.

RACHILDE (1894). O Dente. Tradução de Ana Resende. *Mallarmagens*, Revista de Poesia e Arte Contemporânea, 2021. Disponível em <http://www.mallarmagens.com/2021/02/mallarseries-transmargens-rachilde-o.html>. Acesso em: 20 fev. 2021.

RACHILDE. *Senhor Vênus*. Tradução de Flávia Lago. São Paulo: Ercolano, 2024.